



ARTIGO DE PESQUISA

ENSINO POR COMPETÊNCIAS EM ENFERMAGEM: INTERPRETAÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

*TEACHING BY SKILLS IN NURSING: INTERPRETATIONS AND PRACTICES OF TEACHING
ENSINO POR COMPETENCIAS EN ENFERMERÍA: INTERPRETACIONES Y PRÁCTICAS EDUCATIVAS*

Marcos Antonio Ferreira Júnior¹, Josefa Aparecida Gonçalves Grígoli², Maria Lúcia Ivo³

RESUMO

A ação docente tem emergido na prática dos enfermeiros brasileiros nos últimos anos, mesmo sem formação específica para tal finalidade na maioria das vezes. Este estudo focalizou dezesseis enfermeiros professores de uma escola técnica, analisando sua prática pedagógica para o ensino norteado por competências. Trata-se de um estudo descritivo-explicativo com abordagem quantitativa que objetivou descrever as interpretações e práticas que os docentes demonstram acerca do ensino norteado pelo desenvolvimento de competências profissionais em enfermagem. Os dados foram coletados por questionário e as informações tratadas mediante análise de conteúdo. Os resultados sugerem que apesar de a maioria dos professores já terem tido contato de alguma forma com o ensino por competências, o modelo de formação tradicional que receberam acaba prevalecendo em sua prática; e que o professor é conhecedor de tais formas de trabalho, mas, por convicção e resistência, acaba ensinando da mesma forma com que foi formado. **Descritores:** Educação Baseada em Competências; Competência profissional; Ensino; Enfermagem.

ABSTRACT

The teachers' activities have emerged in Brazilian nursing practice in recent years, even without specific training for this purpose in most cases. This study focused on sixteen nurses who teach in a technical school, analyzing their pedagogical practices for competence guided teaching. This is a descriptive-explanatory study with qualitative approach, which describes the interpretations and practices that teachers demonstrate about teaching guided by the development of professional competence in nursing. Data were collected by questionnaire and the information were processed by content analysis. The results suggest that although the majority of teachers somehow already had contact with teaching by skills, the traditional model of teaching that they received prevails in their practice. And the teacher is aware of such ways of working, but out of conviction and resistance, he teaches just the way he was taught. **Descriptors:** Competency-based education; Professional competence; Teaching; Nursing.

RESUMEN

La docencia ha emergido en la práctica de enfermería en Brasil en los últimos años, aunque sin formación específica para este fin en la mayoría de los casos. Este estudio se centró en dieciséis enfermeros docentes de una escuela técnica, con análisis de su práctica pedagógica para la enseñanza guiada por competencias. Se trata de un estudio descriptivo y explicativo con enfoque cualitativo para describir las interpretaciones y prácticas que demuestran los profesores sobre la enseñanza guiada por el desarrollo de competencias profesionales en enfermería. Los datos fueron recogidos a través de un cuestionario y la información fue procesada por análisis de contenido. Los resultados sugieren que aunque la mayoría de los profesores haya tenido contacto de alguna manera con la enseñanza por competencias, el modelo de formación tradicional que recibió prevalece en su práctica. Y el profesor es consciente de esas formas de trabajo, pero, por convicción y resistencia, reproduce la enseñanza que recibió como alumno. **Descriptor:** Educación basada en competencias; Competencia profesional; Magisterio; Enfermería.

¹Enfermeiro. Doutorando em Saúde e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste pela Faculdade de Medicina Dr. Hélio Mandetta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor do Departamento Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. ²Doutora em Educação - Psicologia da Educação - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ³Enfermeira, Doutora em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - EERP/USP. Professora Associada do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientadora do Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste da Faculdade de Medicina Dr. Hélio Mandetta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

“A escola profissional não deve se tornar uma incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos num ofício, sem idéias gerais, sem cultura geral, sem alma, mas apenas com olhos infalíveis e uma mão firme. É também por meio da cultura profissional que se pode fazer com que do menino brote o homem, desde que essa seja uma cultura educativa e não apenas informativa”⁽¹⁾.

O ensino profissionalizante brasileiro tem sofrido mudanças significativas nos últimos anos, particularmente os cursos de nível técnico, que passaram de uma formação essencialmente tecnicista, reprodutivista, direcionada, sobretudo, para a execução de técnicas manuais e o alcance de alguns resultados, para um ensino mais globalizado, com a junção dos saberes, que objetiva atingir determinadas competências para uma atuação mais qualificada. Essa mudança no modelo do ensino pretendido para o nível técnico se fez presente nas mais diversas áreas profissionais, inclusive na enfermagem.

Um ponto importante de investigação é a interpretação que se tem dado para o ensino orientado para desenvolvimento de competências profissionais. O ensino por competências tem sido trabalhado em diversos setores da educação, porém, na área da saúde, especificamente da enfermagem, tem causado preocupação a interpretação que se tem dado a esse enfoque do ensino. As interpretações ou distorções das matrizes curriculares para o ensino profissionalizante de nível técnico da área da saúde constituem justamente a grande preocupação nos cursos técnicos de enfermagem⁽²⁾.

O próprio referencial para o ensino profissionalizante brasileiro não traz uma definição bem clara para essa formação específica, pois demonstra em alguns aspectos as competências profissionais apenas

vinculadas a habilidades técnicas e manuais e não em sua concepção plena. As “competências” listadas como objetivos para essa formação profissional não demonstram o domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes interdependentes e necessárias à conclusão de alguma tarefa pretendida com essa formação, considerando em vários pontos apenas o “saber fazer”⁽³⁾.

Possivelmente, uma melhor definição do ensino por competências para aplicação no ensino de enfermagem seria entendê-las como esquemas mentais, ou seja, operações mentais de natureza sócio-afetivas, psicomotoras ou cognitivas, que precisam ser desenvolvidas pelos estudantes, de forma que a aprendizagem seja voltada para uma construção mental que articula saberes específicos e experiências e que não se resume apenas ao “saber fazer”⁽⁴⁾.

Com o aumento nos últimos dez anos do número de escolas que passaram a oferecer o curso técnico de enfermagem no Brasil, impulsionado principalmente pela implantação do PROFAE - Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem do Ministério da Saúde - abriu-se um campo vasto de trabalho para os egressos dos cursos superiores de enfermagem como docentes. Todavia, a maioria desses professores não obteve formação pedagógica em suas formações iniciais, o que poderia comprometer a metodologia proposta pelas diretrizes nacionais para esse tipo específico de formação.

Dessa forma, o grande problema estaria na formação inicial, uma vez que a maior parte dos docentes nos cursos de nível técnico profissionalizante tem sido constituída por profissionais recém-graduados, sem formação pedagógica ou práticas de ensino para oferecer uma formação na perspectiva do alcance de competências profissionais. Portanto, objetivou-se descrever as

interpretações e práticas que esses docentes demonstram acerca do ensino norteado pelo desenvolvimento de competências profissionais em enfermagem a fim de retratar exatamente o perfil do profissional enfermeiro docente nesses cursos.

MÉTODOS

Diante desse contexto, o estudo em questão envolveu os enfermeiros-professores do corpo docente de uma escola de formação técnica de Campo Grande/MS, de forma a analisar suas formações acadêmicas e as práticas pedagógicas em relação ao conhecimento e domínio do ensino baseado no desenvolvimento de competências profissionais.

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, de natureza descritivo-explicativa e que envolveu um grupo de dezesseis professores, formados em diferentes instituições, contando com enfermeiros bacharéis e licenciados. Os dados foram coletados mediante questionário semiestruturado com questões abertas (APÊNDICE A) e organizado em eixos, que analisou a formação inicial, a prática profissional e as percepções do professor acerca da sua prática docente, sendo abordada neste último eixo a modalidade de ensino em questão. As informações obtidas foram tratadas mediante análise de conteúdo⁽⁵⁾, com estabelecimento das categorias de análise *a posteriori*. Utilizou critério de saturação de dados?

Os aspectos éticos foram atendidos por aprovação do Protocolo de Pesquisa pelo Comitê do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, em respeito à Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do princípio já discutido de que as competências não dizem respeito somente a habilidades manuais ou destrezas na realização de tarefas, o desafio de ensinar em nível técnico de enfermagem torna-se ainda maior, pois é visivelmente presente a prática reprodutivista e a visão tecnicista por parte dos docentes nesses cursos.

Como a formação proposta já é intitulada como profissional de nível técnico, essa nomenclatura também acaba direcionando o ensino para reprodução de técnicas, deixando de focalizar aspectos essenciais da formação desse aprendiz como, por exemplo, a capacidade de resoluções de problemas nas mais diversas situações. Exemplificando: diante de uma situação que demande a “realização de um curativo numa ferida”, o que deveria ser desenvolvido é a competência para a tomada de decisão acerca da forma correta e das razões para se fazer o curativo de uma dada maneira e não somente a técnica de realização do mesmo, como pode ser encontrado até mesmo nas competências norteadoras dos cursos⁽²⁾.

Há muitas evidências de que os professores, especialmente no início da carreira, tomam como referência para seu ensino os modelos e as experiências por eles vivenciados ao longo de sua formação. Diante disso, cabe indagar se esses professores foram formados segundo esse mesmo princípio de desenvolvimento de competência para a atuação do enfermeiro. Da mesma forma, para aqueles professores com mais tempo de experiência docente, como tem sido esse processo de mudança na formação do profissional de nível técnico, que antes era conduzida de forma tecnicista e agora é pensada de forma mais integrada e mais abrangente?

Seguem os resultados obtidos por meio de questionamentos sobre as mudanças geradas no ensino com o método de ensino por competências, quais mudanças resultaram

desse novo método de trabalho, como o professor tem percebido, trabalhado e adequado seu método próprio sob essa nova perspectiva de atuação docente e qual concepção de competências profissionais aparece implícita em sua atuação docente no processo de ensino e aprendizagem.

Ao corpo docente de enfermeiros professores da escola foi solicitado que se posicionasse sobre de que forma as competências profissionais para a formação do profissional técnico de enfermagem têm sido trabalhadas. O instrumento de coleta de dados buscou apreender a interpretação dos

professores participantes sobre alguns conceitos básicos, como competências, saberes, interdisciplinaridade, e como estes conceitos são trabalhados por eles no dia-a-dia da sala de aula.

Indagados sobre a forma como planejam e executam suas atividades de sala de aula para alcance das competências das disciplinas que lecionam, os professores participantes responderam da seguinte forma:

Tabela 1 - Formas de planejamento e execução das aulas para alcance das competências almejadas segundo os professores participantes da pesquisa (*)

Categorias	(f)	%
Com relação ao planejamento		
• Baseado no cronograma de aulas (conteúdos programáticos)	(05)	19,23
• Baseado no conhecimento prévio	(04)	15,38
• Baseado nos objetivos a serem alcançados	(03)	11,53
• Não planeja	(01)	3,84
Subtotal	(13)	49,98
Com relação à execução das aulas		
• Construindo as aulas em cima de situações reais para os alunos	(03)	11,53
• Baseado no modelo de problematização	(03)	11,53
• Aulas dialogadas, com dinâmicas de grupos	(02)	7,69
• Baseado em informações por colegas mais experientes	(01)	3,84
• Com uso da multimídia	(01)	3,84
Subtotal	(10)	38,43
Com relação à avaliação		
• Com avaliações tradicionais (provas, trabalhos, etc.)	(02)	7,69
• Baseada nas competências alcançadas	(01)	3,84
Subtotal	(03)	11,53
Total de respostas	(26)	100%

(*) Os totais foram calculados a partir do número de posições expressadas pelos respondentes e não pelo número de sujeitos.

Com relação ao planejamento, quase todos os professores disseram planejar suas aulas, com apenas um professor que diz que não as prepara, e afirma: *Não preparo aulas, sigo a ementa, o conteúdo programático, exemplifico, cobro por avaliações teóricas e práticas e constato, ou não, o entendimento* (Professor 10). Este, porém, segue uma programação, um roteiro de aulas.

Em relação à organização e condução das aulas, várias formas foram citadas. Alguns professores demonstraram maior entendimento sobre a importância de se

trabalhar os conhecimentos prévios dos seus alunos e como fazê-lo:

Procuo fazer um levantamento dos conhecimentos prévios da classe e ir ajustando-os ao conteúdo proposto pelo projeto, de modo a auxiliar no entendimento do aluno e na associação com a sua realidade. Ex. O assunto é pneumonia; questiono os alunos sobre se já viram alguém com pneumonia, o que o indivíduo apresentava, como se sentia, o que ele (aluno) faria se tivesse alguém na sua família com pneumonia. Em seguida, faço uma recapitulação da fisiologia respiratória de

forma a ajustar o que o aluno viu no familiar doente com pneumonia e o que é preciso fazer nessa situação (Professor 7).

Neste caso, é possível identificar um trabalho de apresentação dos conteúdos a partir dos saberes que os alunos já possuem, o que acrescenta o conhecimento científico de modo a construir as competências necessárias à atividade do profissional de enfermagem. Um dado importante é o fato de que esse professor recebeu o curso de Formação Pedagógica para a área da Saúde: Enfermagem, oferecido aos docentes do PROFAE, o que explica a sua preocupação com a contextualização do ensino.

Outro professor relatou as suas aulas nos seguintes termos:

Primeiro, procuro saber quem são meus alunos, se já são profissionais, em que área atuam (saúde pública, hospital), se têm noção ou experiência com setores ou pacientes como

aqueles; depois, procuro fazer com que os alunos desenvolvam o máximo de procedimentos possíveis que possam ajudar em seu aprendizado. Tento tirar o máximo de dúvidas que vão aparecendo (Professor 8).

Nesta transcrição é possível notar que o professor trabalha baseado nos conhecimentos oriundos da prática profissional que os alunos apresentam e enfatiza o domínio de procedimentos por eles, tirando dúvidas que lhe são apresentadas.

Com relação aos critérios e formas de avaliações utilizadas para verificar o alcance ou não das competências, os dados resultantes dos questionários respondidos pelos participantes do estudo estão organizados na tabela a seguir:

Tabela 2 - Critérios utilizados pelos professores enfermeiros para avaliações teóricas e práticas(*)

Categorias	(f)	%
Avaliação global		
• Postura, domínio de conteúdo, tom de voz, emocional, ética	(06)	22,22
• Avaliação problematizadora	(04)	14,81
• Relação entre teoria e prática	(03)	11,11
• Estudos de casos	(02)	7,40
Subtotal	(15)	55,54
Avaliação formal		
• Provas escritas, seminários	(07)	25,92
• Execução de técnicas específicas	(05)	18,51
Subtotal	(12)	44,43
Total de respostas	(27)	100%

(*) Os totais foram calculados a partir do número de posições expressadas pelos respondentes e não pelo número de sujeitos.

Cerca de 50% das respostas expressam uma avaliação de forma mais global, que não se prende somente a avaliações formais escritas e rígidas, conforme evidenciado na fala do seguinte professor:

Avalio o aluno principalmente nas participações em sala de aula, procuro fazer aulas interativas. Na prática, avalio o desempenho em resoluções de casos, elaboro situações fictícias e peço para o grupo responder. Já com os alunos mais tímidos é

mais difícil e, infelizmente, a avaliação acaba sendo mais voltada para a aplicação de provas e o desempenho em apresentações de trabalhos(Professor 3).

Observa-se que, na fala do professor, ainda persiste a forma tradicional de avaliar, principalmente porque o mesmo não sabe como lidar com situações específicas de alguns alunos. Já cerca de 44% das respostas evidenciam o uso de formas tradicionais de avaliação como único critério, como consta na seguinte fala: *Teóricos: prova escrita,*

trabalho, apresentação em grupos. Prática: relacionamento interpessoal, principalmente com o cliente e também com a equipe de enfermagem, capacidade de relacionar a teoria com a prática (Professor 4).

É possível constatar na fala dos docentes em relação à avaliação que, apesar de alguns tentarem buscar outras formas de avaliar seus alunos, as formas tradicionais de avaliação do tipo provas escritas, seminários, execução de tarefas e técnicas específicas acabam aparecendo como reforçadores dessa avaliação. A falta de compreensão do desenvolvimento de competências talvez seja o fator dificultador desse processo de avaliação, uma vez que a função do técnico de enfermagem ainda continua associada à ideia de um profissional capaz apenas de

cumprir tarefas, realizar técnicas e procedimentos sequenciais e protocolados. Para uma avaliação mais global, é necessário o entendimento do aluno como um todo, as competências exatas a serem trabalhadas e o olhar que o professor deve desenvolver para poder avaliar todos os fatores que permeiam o aprendizado.

Solicitados a opinar sobre o Parecer 16/99 do Conselho Nacional de Educação, que diz: em educação profissional, quem ensina deve saber fazer; quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar..., os participantes, em geral, concordaram com a afirmação e acrescentaram comentários que enfatizam a importância do preparo para a docência.

Tabela 3 - Opiniões dos professores enfermeiros sobre o Parecer 16/99 do Conselho Nacional de Educação no que se refere à educação profissional(*)

Categories	(f)	%
Concordam		
• Faz-se necessária a relação entre teoria e prática	(09)	52,95
• A experiência faz-se necessária para ensinar	(06)	35,29
• Ensinar não é apenas “dom”	(01)	5,88
• Enfermeiros são formados para cuidar, não para ensinar, fazendo o necessário.	(01)	5,88
Total de respostas	(17)	100%

(*) Os totais foram calculados a partir do número de posições expressadas pelos respondentes e não pelo número de sujeitos.

A maioria das respostas demonstra que os professores estão de acordo e destacam a importância da relação entre teoria e prática para o ensino; é reconhecido que para saber ensinar determinado conteúdo deve-se conhecê-lo em profundidade e ter tido oportunidades de utilizá-lo em situações práticas. Essas condições favorecem um ensino de qualidade, conforme demonstrado na fala deste professor: *Concordo com o parecer acima citado. Para ensinar é preciso ter conhecimento prático para ensinar o aluno a reconhecer a teoria na sua prática profissional. Acho impossível dar uma boa aula sem conhecimento prático do assunto, pois nem toda teoria, por melhor que pareça,*

é executável na prática e os alunos questionam isso (Professor 3).

Para investigar a compreensão dos participantes sobre o processo ensino e aprendizagem na perspectiva do modelo de ensino que está sendo implementado nos cursos técnicos de enfermagem, os professores registraram o que pensam acerca de saberes, competências e interdisciplinaridades.

Todos os professores concordam que saberes são conhecimentos, alguns apontando para o conhecimento científico, ou empírico, ou teórico-prático, ou ainda específicos da área, como evidencia a seguinte fala: *Saber é você dominar o conteúdo de determinado assunto a ponto de poder passar isso a outras*

peças. Saberes são diversos conteúdos a serem estudados (Professor 8). Outros professores referem-se aos saberes como sendo valores, ou embasamento para a autonomia, por acreditarem que o domínio sobre os conhecimentos específicos da enfermagem garante uma autonomia maior na execução das ações pertinentes às funções por eles executadas, inclusive em sala de aula, ou até mesmo em atividades práticas.

Com relação às competências, 64% das respostas dos participantes constata uma identificação das mesmas com o tecnicismo, uma vez que os mesmos relacionam as competências técnicas com habilidades manuais, destrezas ou apenas ações técnicas, o que evidencia uma compreensão equivocada do que está sendo proposto como desenvolvimento de competências na formação de nível médio. Na verdade, existem inúmeras definições para competências e cada uma delas é utilizada para um propósito ou numa dada realidade^(6,7). Um fato importante a ser novamente enfatizado é a ausência de uma definição para competências nos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico: Área da Saúde⁽²⁾, que listam apenas as competências básicas para o profissional e cada subárea, como no caso da enfermagem. Tal ausência de referencial teórico pode ter levado às inúmeras interpretações do desenvolvimento de competências, do que são competências e como desenvolvê-las, o que gera, dessa forma, modelos de formação distorcidos ou mal interpretados.

Seguramente, esses conhecimentos, capacidades e atitudes são os pontos-chave a serem trabalhados junto aos alunos do ensino técnico-profissionalizante no sentido de articulá-los para o alcance das competências

almejadas. Os resultados demonstram que os professores ainda fragmentam esses pilares da construção das habilidades necessárias à formação ideal e imaginam que o aluno consiga, por si mesmo, realizar essa ponte entre eles e chegar ao final com capacidade de articulá-los e desempenhar satisfatoriamente suas funções.

Outro ponto importante investigado foi a questão da interdisciplinaridade, fortemente presente no modelo de ensino por competências que visa a relacionar as disciplinas, a interligar os conhecimentos e a promover um ensino globalizado que resulte em aprendizagens com maior significado e proporcione uma visão de conjunto dos conteúdos estudados.

Todos os professores entendem a interdisciplinaridade como um ponto em comum entre as diversas disciplinas, ou seja, o encontro delas. Algumas falas evidenciam até um entendimento das condições necessárias para que realmente haja tal interação, como por exemplo, nesta transcrição: *É a interação entre os docentes e conteúdos que por eles são desenvolvidos* (Professor 9). Ela demonstra a visão de alguns professores com relação à necessidade de interação entre os docentes para que se possa trabalhar de forma interdisciplinar. Outros a descrevem como a interação dos conteúdos e pensam somente nos tópicos a serem trabalhados (ou em alguns deles) e não nas disciplinas como um todo.

Com relação à forma de articulação entre os saberes, as competências e a interdisciplinaridade trabalhados na prática docente, cada professor expôs a forma com que consegue, ou não, trabalhar esses pontos em seu dia-a-dia de sala de aula, com os seguintes resultados:

Tabela 4 - Articulação dos saberes, das competências e da interdisciplinaridade no conjunto do curso e na própria prática pedagógica segundo os professores enfermeiros(*)

Categorias	(f)	%
Articulados		
• Evidenciados pela articulação entre teoria e prática	(06)	31,57
• Dependem de outras disciplinas	(03)	15,78
• Pela construção de conhecimentos	(02)	10,52
Subtotal	(11)	57,87
Articulação de forma fragmentada		
• Devido à não capacitação de todos	(01)	5,26
• Somente entre duas disciplinas	(01)	5,26
• Alguns fazem parcialmente	(01)	5,26
Subtotal	(03)	15,78
Não articulados		
• Cada professor trabalha seu material isolado	(01)	5,26
• Só mudou o nome, continua tudo do mesmo jeito	(01)	5,26
Subtotal	(02)	10,52
Outras	(03)	15,78
Total de respostas	(19)	100%

(*) Os totais foram calculados a partir do número de posições expressadas pelos respondentes e não pelo número de sujeitos.

Cerca de 58% das respostas sugerem que os professores trabalham de forma articulada a questão da interdisciplinaridade, por meio dos saberes e das competências, principalmente por acreditarem que a articulação entre teoria e prática favoreça o processo de ensino e aprendizagem. Uma parcela menor das respostas, cerca de 15%, afirma acreditar que acontece uma articulação de forma fragmentada, porque alguns colegas não entendem ainda tal necessidade, porque alguns não dominam tais técnicas de ensino, ou até mesmo por uma articulação somente com aqueles colegas que ministram disciplinas similares às suas, ou por afinidades com algum colega de trabalho.

Um exemplo dessa fragmentação pode ser demonstrado na redação desta professora: *Acredito que somente ocorra interdisciplinaridade entre duas disciplinas similares, pois eu e a outra professora que lecionou CTI fazíamos o planejamento juntas e avaliávamos as competências desenvolvidas pelos alunos juntas também* (Professor 3).

Uma porcentagem menor das respostas aponta para professores que trabalham de forma isolada e individualizada. A única coisa que mudou foi o nome do método de ensino adotado atualmente, mas, na prática, as ações continuam da mesma forma que há tempos atrás e eles afirmam que a articulação entre saberes, competências e interdisciplinaridade não acontece, como na resposta a seguir: *De forma dispersa, hoje se diz que o ensino é por competências e com construção baseada nos conhecimentos dos alunos, mas isso não acontece na prática. Só mudou o nome, continua tudo do mesmo jeito* (Professor 16).

Compreendo que a forma como os dados foram coletados, apresentados (tabelas) e discutidos têm uma maior conotação para pesquisa quantitativa e não qualitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode notar no professorado é que, apesar de que a maioria dos enfermeiros

docentes já tenham tido contato de alguma forma com o ensino por competências, ou tentativas de trabalhos interdisciplinares, o modelo de formação tradicional que receberam acaba prevalecendo em sua prática. Talvez isso aconteça porque o professor não dispõe de uma concepção clara e própria para implementar sua prática docente em busca de resultados como competências, o que é resultante de sua formação, que não aconteceu nesses moldes.

Na maioria das vezes, o professor é conhecedor de tais formas de trabalho, mas, por convicção e resistência, trabalha ensinando da mesma forma com que foi formado, o que gera conflitos entre os projetos propostos e adotados pelas diversas escolas e a prática em sala de aula. Essa característica pode ser encontrada em várias respostas dos respondentes, por não acreditarem nos resultados propostos pela nova metodologia, baseando-se apenas nos resultados palpáveis e visíveis alcançados pela educação tradicional.

Outro ponto fortemente influenciador na prática pedagógica embasada no modelo tradicional de ensino se deve ao conceito de ensino por competências que os professores demonstraram conhecer. Um ponto de partida a ser trabalhado seria a conceituação mais direcionada de competências para embasamento do ensino técnico-profissionalizante na maioria dos cursos de enfermagem, adequando teoria e prática em busca de um processo de ensino-aprendizagem mais efetivo.

REFERÊNCIAS

- 1- Gramsci A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira; 1995.
- 2- Ministério da Educação (BR). Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2000.
- 3- Durand AL. Forms of incompetence. In: 4th International Conference on Competence-Based Management; 18-20 Jun 1998; Oslo, Norway: Waikato Management School; 1998.
- 4- Berger Filho RL. Educação profissional no Brasil: novos rumos. Rev Ibero-am de Educación 1999;7(20): 87-105.
- 5- Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70;1994.
- 6- Nascimento ES, Santos GF, Caldeira VP, Teixeira VMN. Formação por competência do enfermeiro: alternância teoria-prática, profissionalização e pensamento complexo. Rev. bras. enferm.2003;56(4): 447-452.
- 7- Ruthes RM, Cunha ICKO. Entendendo as competências para aplicação na enfermagem. Rev. bras. enferm. 2008;61(1):109-112.

Recebido em: 13/06/2011

Versão final reapresentada em: 10/07/2011

Aprovado em: 13/07/2011

Endereço de correspondência:

Marcos Antonio Ferreira Júnior
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Departamento de Enfermagem
 Av. Salgado Filho, s/n. Lagoa Nova, Campus
 Universitário Central. Natal/RN - Brasil.
 CEP 59.072-970.
 E-mail: marcosjunior@ufrnet.br

APÊNDICE A: Protocolo de Coleta de Dados da Pesquisa

“O desempenho do profissional enfermeiro como docente de cursos técnicos de enfermagem: o caso da escola Padrão de Campo Grande, MS”



**UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
CPPGE - Centro de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão
Programa de Mestrado em Educação**

Caro colega,

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a formação do profissional enfermeiro nos cursos de graduação e a preparação que recebemos (ou não) para atuar como docentes nos cursos de nível técnico em enfermagem. Considerando a diversidade dos cursos de graduação em enfermagem, cabe indagar sobre o perfil dos profissionais que estão atuando como docentes: como foi a sua preparação, como se caracteriza a sua prática, que dificuldades enfrentam no exercício da docência, como se identificam com essa nova situação em que passam de profissionais da saúde a docentes, etc.

Este estudo, que faz parte do meu projeto de pesquisa para o mestrado, focaliza “O desempenho do profissional enfermeiro como docente de cursos técnicos de enfermagem: o caso da escola Padrão de Campo Grande, MS”, e para tanto estou pedindo a sua colaboração no sentido de responder o questionário anexo de forma consciente e o mais completa possível. Num estudo dessa natureza não se tem como objetivo avaliar isoladamente as respostas dos participantes e sim estabelecer um perfil geral do profissional enfermeiro como docente. As respostas serão analisadas coletivamente e nada será publicado com o nome ou outra forma de identificação dos informantes.

Grato pela colaboração,

Prof. Marcos Antonio Ferreira Júnior

QUESTIONÁRIO

1. Identificação

Nome _____
 Curso que leciona _____
 Há quanto tempo leciona em enfermagem _____
 Disciplinas que já lecionou _____
 Disciplinas que leciona atualmente _____
 Qual a sua carga horária de trabalho em atividades de docência? _____
 Qual a sua carga horária de trabalho como enfermeiro(a)? _____

2. Informações sobre sua formação

Formação Universitária _____
 Universidade _____
 Ano de conclusão _____
 Modalidade: () Bacharelado () Licenciatura
 Pós-graduações (especificar nome do curso, instituição ministrante e carga horária): _____

2.1 Quais disciplinas você cursou em sua graduação que julga terem sido importantes para sua atuação como professor? _____

OBS. Sempre que o espaço deixado para responder for insuficiente, por favor, use o verso da folha, colocando o número da questão que está sendo respondida.

2.2. Você considera que essas disciplinas foram importantes e suficientes para embasamento para sua atuação em sala de aula? Justifique sua resposta. _____

2.3. O que você gostaria de ter tido oportunidade de estudar e/ou praticar no seu curso de graduação e que na sua avaliação teria contribuído para a sua preparação como professor? _____

2.4. Pensando no seu curso de graduação, você identifica um(a) professor(a) que, independentemente do conteúdo que ensinava, é hoje lembrado como um “modelo” de bom(a) professor(a)? Você considera que HOJE a sua prática docente é influenciada pelo exemplo desse(a) professor(a)? De que maneira? Em que sentido?

2.5. Pensando ainda no seu curso de graduação, na sua avaliação:

a) Quais os aspectos mais positivos do curso? _____
 b) Quais as maiores falhas do curso? _____

2.6. Você já ouviu falar no curso de licenciatura em enfermagem? Que diferenças você acredita que existam entre esse novo curso e aquele que você cursou? _____

2.7. Durante sua formação universitária, você foi informado(a) de que a docência em enfermagem constitui atualmente uma grande oportunidade para os enfermeiros, no mercado de trabalho? Você foi conscientizado sobre a importância do preparo profissional e aprimoramento para o exercício da docência?

2.8. Exponha em breves palavras as razões que o(a) levou ao exercício do magistério.

3. Informações sobre sua prática profissional

3.1. No início da sua prática como docente de cursos técnicos você realizou algum(ns) curso(s) voltados para a formação de professores? Se sim, informe sobre o que trataram e se contribuíram para a sua atuação como professor.

3.2. Você conhece o projeto pedagógico do curso em que você leciona? Se sim, informe como tomou conhecimento do mesmo

3.3. Julga importante conhecê-lo? Justifique sua resposta. _____

3.4. Quais as principais dificuldades que você enfrentou como professor (a) nos seus primeiros tempos de magistério? De que recursos se valeu, que ajuda recebeu para superá-las? E hoje, quais são as dificuldades que você encontra no exercício da prática docente?

3.5. Como você planeja o seu ensino e conduz as suas aulas na (s) disciplina (s) que leciona para que os alunos desenvolvam as competências necessárias?

OBS. Responda de forma detalhada e bem precisa, usando exemplos se julgar necessário.

3.6. Quais são e como são estabelecidos os critérios que você utiliza para avaliação dos seus alunos, tanto nos conteúdos teóricos quanto nas atividades práticas?

3.7. O parecer 16/99 do Conselho Nacional de Educação enfatiza que “em educação profissional quem ensina deve saber fazer, quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar...”. Todavia, na realidade prática dos cursos esse entendimento nem sempre prevalece.

Qual é a sua opinião sobre essa questão?

3.8. Descreva o que você compreende dos seguintes conceitos: Diga com suas palavras (sem se preocupar com o “pedagôgo”) o que significa para você:

a) Saberes: _____

b) Competências: _____

c) Interdisciplinaridade: _____

3.9. De que forma os conceitos acima estão presentes (ou não) no conjunto do curso e na sua prática docente em particular? _____

3.10. Faça uma breve comparação entre o seu trabalho como profissional da área de enfermagem (enfermeiro/a) e como profissional da área de educação (professor/a), destacando os aspectos que lhe parecem mais significativos _____

3.11. Atualmente, tendo vivenciado essa experiência de dar aulas, você se identifica mais com a profissão de enfermeiro ou você se sente mais professor de enfermagem? Justifique.